

RESENHA

Quando quem conspira é 'gente de cor'

WLAMYRA ALBUQUERQUE
wlamyra@gmail.com

Conspirações da raça de cor é um desses livros que não deixam o leitor sossegado. É livro sobre subversões, e, como tal, nos coloca no cenário das contestações da ordem colonial, escravista e racial em Santiago de Cuba, entre as décadas de 1860 e 1880. Conspirações da raça de cor é povoado pelos insurgentes de diferentes condições sociais, patentes militares e vinculações políticas que compunham a "classe" da gente de cor naquela parte oriental de Cuba. O livro conta sobre "livres de cor" já célebres na historiografia e na memória dos movimentos negros nas Américas, como Antonio Maceo, o comandante de soldados brancos e de cor no Exército Libertador cubano. Mas também há rebeldes desconhecidos, como os mulatos que, ao migrarem de São Domingos para Santiago de Cuba, se abrigam sob a nacionalidade francesa, passam a ser tratados como madame, made-moiselle e monsieur e até tentam se passar por brancos. Difícil o leitor não se desassossegar com os infortúnios de Agustín Dá, quase um Dom Quixote a instar, mesmo que pela força, negros e mulatos cubanos contra os brancos colonizadores. O protagonismo desses sujeitos em suas aspirações, planos e ações rebeldes contra o domínio espanhol, senhorial e mesmo contra aliados brancos – sempre que eles se mostravam pouco dispostos a defender a igualdade racial – vai sendo enredado ao longo do livro com o argumento de que raça e nação foram pertencimentos entrelaçados com os mesmos fios da rebeldia reinante naquela porção de Cuba.

Maia nos apresenta a agentes políticos que, enquanto conspiravam contra a Coroa espanhola e autoridades locais atentas à movimentação da população não branca, constituíam "a raça de cor". Compondo tal atmosfera de desassossego da ordem vigente, a autora reitera as aspirações e lutas por liberdade em Santiago de Cuba, que, no seu texto, é província periférica na economia açucareira cubana, mas território central nas tramas conspiratórias da gente de

SERVIÇO



Título: Conspirações da raça de cor – Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)
Autora: Iacy Maia Mata
Editora da Unicamp
Páginas: 304 | **Preço:** R\$ 48,00
Área de interesse: História
www.editoraunicamp.com.br

cor. Para tanto, Maia interpretou e cotejou correspondência governamental, devassas, jornais, processos-crime, legislação e relatos de viajantes. Sem dúvida, a documentação mais surpreendente é um processo de mais de 1.200 páginas, com os autos de inquérito realizado por uma Comissão Militar sobre a conspiração de La Escalera. Dentre tantos aspectos da história de Cuba, a autora aproveita essa documentação para nos contar sobre o que estaria na raiz das sublevações, a exemplo das determinações legais que buscavam coibir casamentos inter-raciais. Surge assim, a

meu ver, a maior contribuição deste livro: a análise, por meio de uma cuidadosa e persistente pesquisa empírica em arquivos espanhóis e cubanos, dos modos pelos quais raça compôs a gramática dos que lutaram contra o domínio colonial e a escravidão.

Foi explorando a densidade das fontes e o diálogo, nem sempre conciliatório, com a bibliografia cubana e cubanista, que foram tomando forma no texto de Maia identidades de cor e classe tão explícitas que o leitor pode ter a sensação de que os rebeldes, em termos individuais e coletivos, estavam dispostos a radicalizar em prol dos seus desejos de liberdade racial e nacional. Entretanto, esses pertencimentos de cor, classe e nação também foram conflitantes e negociáveis nos planos dos insurgentes. As nuances desse processo são exploradas a partir do uso que a autora faz do vocabulário político da época. Nesse exercício, Maia Mata não se exime de registrar e problematizar o amplo e confuso conjunto classificatório de cor em circulação na época, evidenciando como e com quais propósitos políticos identidades raciais eram forjadas naquela circunstância histórica belicosa de construção de pertencimento nacional. Moreno, pardo, negro e, por fim, raça de cor são categorias identitárias analisadas como indícios de pertencimentos forjados e intercambiáveis nos ambientes belicosos de revoltas e guerras. Eis, portanto, outra contribuição deste livro e mais uma razão de desassossego para o leitor, que se verá mergulhado numa pluralidade de designações que, sendo de cor, também podem ser de classe e de nacionalidade. Nada a temer.

Inquietar-se com a complexidade da sociedade cubana é indispensável para o público brasileiro ainda pouco familiarizado com projetos nacionais e concepções de raça que escapem dos nossos modelos de mestiçagem. Por isso, é bem-vindo o que Maia nos conta, baseada principalmente na bibliografia cubana e cubanista, sobre e escravidão e o movimento abolicionista na parte oriental da Ilha, assim como acerca da Guerra dos Dez Anos (1868-1878) e da Guerra Pequena (1879-1880). Naquele ambiente, é possível notar algumas fronteiras porosas que vão sendo delineadas ao longo do livro. Dentre elas, as mais

permeáveis são as que separam escravos dos negros livres de cor, as que demarcam as diferenças entre a gente de cor cubana dos negros vindos da Jamaica, do Haiti e da República Dominicana. Essa geografia rebelde torna o livro interessante para pensarmos em algo que é insinuado em várias páginas: certo mapa da rebeldia negra nas Américas do século XIX, evidenciado no trânsito de pessoas e ideias. Ao salpicar aqui e acolá as reverberações e conexões entre a atmosfera rebelde em Santiago de Cuba e acontecimentos no Caribe, na América do Norte e mesmo no Brasil, a autora deixa o leitor com o desejo de conhecer melhor as ligações entre as histórias nacionais na região. As relações históricas e simbólicas entre Santiago de Cuba e o Haiti são tão intrigantes quanto o clima da tumba, festa de origem francesa, que reunia escravos vindos com seus senhores da Revolução de São Domingos e santiagueiros. Por outro lado, as fronteiras entre as regiões oriental e ocidental de Cuba parecem mais firmes que a cambaleante ordem colonial na América espanhola. Em certos momentos, Santiago de Cuba, epicentro político da parte oriental, parece apartada da porção ocidental, tendo-se a impressão de que se tratava de uma ilha dentro da Ilha, sem que a autora tenha nos explicado tamanha particularidade. Desse modo, as relações políticas entre Santiago de Cuba e Havana parecem frágeis naquele contexto de emancipação nacional.

Por fim, a sugestão é que Conspirações da raça de cor seja referência para quem se interessa pelas rebeldias e expectativas de igualdade inscritas nos projetos nacionais das Américas oitocentistas. Nesse sentido, o desassossego que o livro traz é uma boa provocação para nos fazer conhecer e investigar mais detidamente quais são os sentidos políticos guardados na palavra liberdade, nos episódios conspiratórios que marcaram a história das Américas nos seus diversos processos de emancipação política.

Wlamyra Albuquerque é professora do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História dessa mesma universidade.

Emoções medem qualidade do café

PATRICIA LAURETTI
patricia.laurettil@reitoria.unicamp.br

Café bom, de qualidade mesmo, é o café que a gente gosta e que remete a emoções positivas como sentir-se bem, energizado, aquecido ou feliz. Quem define o que é um bom café é o consumidor. Uma pesquisa feita na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp parte dessa premissa. O estudo "Emoções, sensações e afecções do consumidor pelo café brasileiro", realizado por Emilia Ricardi, desenvolveu um glossário de termos de emoções que descrevem a experiência de tomar a bebida. Além disso, o trabalho traz análises sensoriais das amostras selecionadas e a confirmação da classificação do café tradicional, superior e gourmet, de acordo com a norma vigente no Estado de São Paulo.

Em sua maior parte, o brasileiro prefere os cafés mais tradicionais, com sabor forte ou extraforte, o que nem sempre coincide com a leveza de determinados cafés, padronizados como especiais ou gourmets. Muita gente diz que a preferência nacional é por cafés que não têm qualidade. "O brasileiro não tem que se 'sentir mal' de adorar o café tradicional porque é o nosso café, é o café do dia a dia, o café que a gente gosta", reforça a pesquisadora.

O estudo confirmou o que já se sabia, nesse caso. Que a preferência está relacionada ao hábito, ou seja, as pessoas prefe-



Emilia Alice Fonseca Ricardi, autora do estudo: consulta a mais de 100 consumidores

rem ao que estão mais acostumadas. Foram testadas sete amostras de marcas líderes de café no país, entre os tipos tradicional, superior e gourmet. Para desenvolver o glossário com 36 termos de emoções, que foi submetido a mais de cem provadores, Emilia primeiramente consultou 60 consumidores que elencaram palavras associadas à expe-

riência de tomar a bebida. Também foram considerados termos de um estudo norte-americano que é referência no assunto.

Os termos foram apresentados aos consumidores na Unicamp e no Centro de Ciência e Qualidade de Alimentos (CCQA) do Instituto de Tecnologia de Alimentos de Campinas (Ital). Também foi realizado um teste de aceitação, que é o mais comum na análise sensorial de alimentos. "Quando o consumidor tinha uma aceitação do tipo 'gostei muitíssimo' da amostra, acabava marcando termos positivos como feliz, bem, energizado, acordado. Já os termos negativos são mais difíceis de explorar porque o próprio ato de comer ou beber por si só já é prazeroso e, se o consumidor aceitar participar de um estudo bebendo café, é porque já aprecia a bebida".

A partir dos resultados dos testes três grupos de consumidores foram identificados: os que preferem cafés mais fortes, um grupo que prefere cafés de torra média, e um terceiro grupo que aceita diferentes tipos de cafés. Dentre os que preferem os cafés especiais, que são os de "torra média", Emilia percebeu que se destacaram os jovens, com até 29 anos, correspondendo a até 80% do total de consumidores do grupo. De acordo com a pesquisadora, estudos recentes afirmam que jovens de centros urbanos, e classes mais afluentes, buscam produtos diferenciados para novas experiências sensoriais e o contato com as cafeterias está transformando o paladar dessa

geração para o café. "Por ter contato com as cafeterias, os jovens estão preferindo um café mais especial que é o café gourmet na classificação do Estado".

Os estudos que relacionam emoções à experiência de consumo tem sido uma tendência na área de Ciência Sensorial. A medição das emoções ajuda a conectar a área com o marketing e o desenvolvimento de novos produtos. "Apesar da importância das emoções para a indústria de alimentos, pouco se conhece ainda sobre como o alimento em si é associado emocionalmente com consumidores. Com o estudo nós conseguimos mostrar que o uso de termos de emoções ajuda sim a qualificar a experiência de consumidores com alimento, se ele gosta do que está provando usa termos positivos, se não gosta, usa termos negativos".

Publicação

Dissertação: "Emoções, sensações e afecções do consumidor pelo café brasileiro"

Autora: Emilia Alice Fonseca Ricardi

Orientador: Jorge Herman Behrens

Unidade: Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA)